O cooperativismo escolar no curso primário supletivo

Alcy Villela Bastos

Introdução

O interesse com que sempre acompanhamos o desenvolvimento das instituições auxiliares da escola e a experiência adquirida como orientadora da Cooperativa Escolar do Curso Primário Supletivo 12-1 "Vicente Licinio Cardoso", levaram-nos a não nos esquivarmos ao desejo de expressar nossa opinião sobre o cooperativismo escolar nos Cursos Primários Supletivos.

Nossa pretensão de apresentar este modesto trabalho que irá concorrer com outros mais brilhantes e mais profundos, por certo, encontra justificativa no empenho que fazemos em relatar a experiência obtida sobre o assunto, através de 3(três) anos de participação ativa na vida da Cooperativa Escolar do C.P.S.12-1, como professora-orientadora da mesma.

Ao abordar assunto tão delicado e importante, que conta com tão ilustres estudiosos, não nos move o desejo do omitir opinião sobre a doutrina cooperativista, em si, temos somente, o intuito de mostrar aos colegas de magistério, como surgiu nossa Cooperativa Escolar, como funciona e as conclusões a que chegamos.

Se com o nosso relato, algo útil surgir para facilitar a constituição e funcionamento das novas Cooperativas Escolares, sentir-nos-emos imensamente felizes e perfeitamente recompensados, pela satisfação do haver contribuído para o desenvolvimento do cooperativismo escolar nos cursos de adultos.

Origem do Cooperativismo Escolar

Coube à Franca o privilégio de ter iniciado o movimento do cooperativismo escolar, através da ideia e da ação de M. Profit, que era inspetor de ensino, Após a grande guerra, Profit, verificando que havia escassez de meios e de material escolar para que as escolas pudessem funcionar normalmente, iniciou uma campanha na qual procurou interessar pais e professores e cujo principal objetivo era o de obter aqueles recursos, Em 1923, a ideia de agrupar os alunos em sociedades escolares foi posta em prática e, dessa iniciativa, resultou o aparecimento, pouco tempo depois, das cooperativas escolares. Destas, a mais antiga, fundada numa escola masculina, recebeu o nome sugestivo de "As Abelhinhas". Dessa época para cá, o movimento cooperativista, nas escolas, se tem difundido e multiplicado de forma surpreendente.

O que é uma cooperativa escolar e quais os seus objetivos

Por cooperativa escolar, compreendemos aquelas sociedades de alunos que se constituem nos estabelecimentos de ensino, com objetivos educativos e econômicos e dirigidas por alunos, sob a supervisão dos professores.

Em 1948, o Congresso Nacional do Departamento Central de Educação, que se realizou em Tours, assim definiu o cooperativismo escolar: "No ensino público, as Cooperativas escolares são sociedades de alunos, dirigidas por estes com o concurso dos professores, tendo em vista atividades comuns. Inspirada por um ideal de progresso

humano, tem por objetivo a educação moral, cívica e intelectual dos cooperadores, com a gostão da sociedade e o trabalho de seus associados. Os frutos comuns do trabalho são destinados ao equipamento da escola e ao melhoramento das condições do trabalho, à organização da artística e ao divertimento dos associados, ao desenvolvimento das obras escolares e pós-escolares de ajuda mútua e de solidariedade".

Diz, muito bem, Fábio Luz Filho, que, nas cooperativas escolares, o objetivo educativo é o fim e o econômico é o meio, um instrumento de educação ativa.

Resumindo, podemos dizer quo as cooperativas escolares, além das vantagens econômicas que proporcionam aos alunos, objetivam educá-los para a vida através da atividade criadora, reflexiva e disciplinada. Vivendo a vida da cooperativa, os alunos, através do trabalho coletivo que realizam, serão levados a sentir e a compreender a necessidade da solidariedade o do auxílio mútuo, não só na escola, mas na vida em geral.

As cooperativas escolares que, infelizmente, ainda hoje, não fazem parte integrante da escola, devem e precisam, pelo menos, serem colocadas na posição do um do seus complementos indispensáveis, porque constituem um magnífico instrumento de educação.

Razões que justificam a necessidade de maior desenvolvimento do cooperativismo escolar nos cursos supletivos

A escola tem a sua disposição recursos auxiliares que intensificam e completam o processo educativo. Entre esses recursos, encontramos as instituições escolares nas quais inclui-se a cooperativa escolar. Esta, sendo instrumentos dos mais importantes da educação, deve merecer maior carinho e atenção das autoridades educacionais.

É necessário que se faça uma campanha no sentido de incrementar o cooperativismo escolar nos cursos de adultos, de modo que cada Curso Primário Supletivo possa organizar sua cooperativa. Justificando o que acabamos e que são de natureza psicológica e sociológica.

Razões de natureza psicológica

Antigamente, aprender era memorizar, era saber de cor as palavras do professor ou as dos textos dos livros. O professor apenas transmitia conhecimentos e os alunos, passivamente, os recebiam.

Atualmente, com base na moderna Psicologia, o conceito de aprendizagem foi completamente modificado. Aprendizagem quer dizer atividade, reflexão, automodificação, criação. O aluno deixa de ser passivo para se tornar ativo; ele aprende através de sua própria atividade, aprende a fazer, fazendo. Assim entendida, aprendizagem é um processo dinâmico, inteligente, pelo qual somos levados a organizar e reorganizar nossa experiência no sentido de um ajustamento progressivo.

A consequência lógica do que acabamos de afirmar e que na escola, os alunos devem ser levados a agir, a realizar, sempre em situação real na vida.

No moderno conceito de aprendizagem, como vimos, a atividade e a experiência pessoal do aluno, ocupam lugar de absoluta importância. E as atividades cooperativistas estão em perfeita concordância com as exigências da aprendizagem, pois que, levam os alunos a uma atividade construtiva, fazendo-os viver os problemas da vida na vida da cooperativa e proporcionando-lhe um formidável cabedal de experiência, que os capacita a

resolver com maior facilidade, problemas da vida prática. O cooperativismo integra e ajusta o homem à vida, ajuda-o a pensar e a viver melhor.

A publicação nº 12 do Ministério de Educação e Saúde, diz, referindo-se ao movimento de educação popular iniciado pela campanha de Educação de Adultos: "Ele visa recuperar grandes massas de nossa população, que vivem como que "à margem" dos mais sérios problemas da vida nacional.

Devemos educar os adultos, antes de tudo, "para que" esse marginalismo desapareça, e o país possa ser mais coeso, mais solidário: devemos educá-los "para que" cada homem, ou mulher, melhor possa ajustar-se à vida social e às preocupações de bem-estar e de progresso social. E devemos educá-los "porque" essa obra é de defesa nacional, "porque" concorrerá para que todos melhor saibam defender a saúde, trabalhar mais eficientemente, viver melhor no próprio lar e na sociedade, em geral".

Vemos, portanto, que nas atividades cooperativistas, a educação preconizada é considerada necessária aos adultos, encontra um de seus mais fortes sustentáculos.

Razões de natureza sociológica

Por outro lado, a Sociologia nos mostra e a vida confirma, que as pessoas não podem viver isoladamente; cada ser humano depende de outros, há uma interdependência entre os homens.

"Somos, é Amaral Fontoura quem afirma, absolutamente sécios dentro de cada grupo social existentes: a família, a escola, a profissão, a nação e a religião. Somos sécios, ainda, dentro da grande sociedade humana que é uma humanidade, o dentro da pequena sociedade que é a comunidade onde vivemos.

A vida de cada pequena sociedade ou grupo social, reproduz a vida da grande sociedade humana. E a escola, por ser um dos grupos sociais, está subordinada as mesmas leis que os demais grupos há pouco enumerados. Em outras palavras: a escola é uma sociedade em miniatura, tal como disse magistralmente Dewey.

Ora, se a escola é uma sociedade em miniatura, é lógico que será uma sociedade tão mais perfeita quanto mais reproduzir em sua vida interna as situações e os problemas da vida exterior, isto é, da grande sociedade (embora, evidentemente, procurando corrigir os erros e aperfeiçoar essa sociedade).

Se na grande sociedade as criaturas vivem reunidas em famílias, grupos, associações, clubes e instituições sociais diversas, assim também deve acontecer na comunidade que é a escola".

As cooperativas escolares oferecem de forma excelente, oportunidade magnifica para que os alunos trabalhem em grupo e sintam o prazer do trabalho coletivo e, visando a unir os alunos dentro dos princípios sadios do cooperativismo, elas constituem um vigoroso instrumento auxiliar da educação.

Através da pratica cooperativista, os alunos são levados a formar hábitos de ordem, de planejamento; a ser honestos e responsáveis e disciplinados; a compreender e a sentir o valor e a necessidade do trabalho e do auxilio mútuo; a desenvolver o espirito de iniciativa e o entusiasmo pelo trabalho em grupo.

Por tudo isso que acabamos de dizer, temos a impressão de haver justificado, mais uma vez, a função educativa das cooperativas escolares e, consequentemente, apresentado as razões que devem determinar o seu incremento nos Cursos Primários Supletivos.

Como surgiu a cooperativa escolar do C.P.S.12-1 "Vicente Licínio Cardoso"

A Cooperativa Escolar do Curso Primário Supletivo 12-1 "Vicente Licínio Cardoso", surgiu de uma situação real de vida, que se fez sentir através do desejo que os alunos manifestaram, de poder comprar na escola, o material escolar de que necessitavam.

O que vamos relatar, aconteceu em abril de 1955.

Estávamos na sala de aula. No decorrer de nossa costumeira conversa introdutória com os alunos (Curso Preliminar), perguntamos quais eram os que ainda haviam adquirido o material escolar que pedíramos dias antes. Cientificando-nos de que um razoável número deles não tinha tomado nenhuma providência nesse sentido, esclarecemos que o referido material devia ser comprado o mais depressa possível. Logo depois, um aluno exclamou: a escola podia vender cadernos, lápis, borrachas etc., aos alunos, porque assim ficaria melhor!

Ao ouvir as palavras do nosso aluno, acudiu-nos à mente, uma ideia: aproveitá-la, como recurso, para fazer uma sugestão no sentido de tentar uma experiência no Curso Primário Supletivo onde lecionamos. Desse modo, respondendo ao aluno, esclarecemos que a escola não pode vender material escolar e, logo em seguida, sugerimos: mas se vocês quiserem, poderão se reunir e se associar com os alunos das demais séries para formar uma sociedade quo se chama cooperativa, porque nela: todos são chamados a cooperar para que ela possa existir e, consequentemente, prestar benefícios aos seus cooperadores. Cada aluno, para ser socio, pagará uma determinada quantia e com o dinheiro de todos os associados a sociedade poderá adquirir material escolar em grande quantidade e mais barato, (o que cada um de vocês, isoladamente, não pode fazer) para vendê-lo aos alunos sócios, por preço inferior ao das papelarias e livrarias. Trazendo o exemplo da pequenina e laboriosa formiga, esclarecemos que, unidos pelo trabalho e pelos ideais, constituirão uma grande e poderosa força, cujo principal objetivo será o de pugnar pelo bem comum. Cada um deve colaborar para que todos possam ser beneficiados.

Acharam muito interessante e perguntaram logo quanto deviam pagar. Estava lançada a semente do cooperativismo no C.P.S. 12-1 "Vicente Licinio Cardoso".

Pedimos às colegas que fizessem uma preparação com seus alunos e, além disso, promovemos a realização de duas palestras sobre cooperativismo, que foram feitas por uma funcionária especializada do Ministério da Agricultura.

Depois de nos informarmos convenientemente, tomamos as providências necessárias e no dia 2 de maio de 1955, foi realizada a Assembleia Geral de Constituição da Cooperativa Escolar do C.P.S. 12-1 "Vicente Licinio Cardoso". Eleita a primeira diretoria, foi a mesma empossada solenemente, com a presença do então chefe do 1º G.A., professor Lourival Pinto Cordeiro.

Como funciona a nossa cooperativa

Nossa cooperativa funciona, diariamente, menos aos sábados, das 18:30 às 19:00 horas.

Embora haja colaboração de todos os membros da Diretoria nas diversas atividades da cooperativa, ficou resolvido em reunião mensal que, ao gerente e ao tesoureiro, sem prejuízo de suas atribuições estatutárias, cabe a tarefa de inventariar, relacionar e vender o material escolar aos associados, bem como a guarda do mesmo.

Os trabalhos de secretaria, têm, desde a constituição da sociedade, ocasionado uma série de problemas. Na realidade, a prática demonstra que os alunos sentem uma enorme

dificuldade em redigir as atas, o que se supera pela ajuda da professora orientadora ou da professora do aluno.

Acontece, porém, que, ao passar as atas rascunhadas o aluno erra e erra muito na cópia das mesmas. Isso tem acontecido com todos os nossos secretários, geralmente, alunos do 3º Ano Básico e do Curso Complementar. Um dos secretários errou tantas vezes e de tal forma, que a solução possível foi providenciarmos a compra de novo livro de atas, por mais de uma vez. Dificuldades semelhantes encontram os alunos encarregados dos trabalhos de tesouraria da cooperativa, em virtude da complexidade dos referidos trabalhos.

Mensalmente, os alunos fazem o inventario do material existente, e, nas reuniões ordinárias são prestados esclarecimentos sobre o material em estoque, o vendido e o total apurado. Os alunos associados ficam cientes de todo movimento realizado.

Além do rotineiro trabalho de vendas dos artigos escolares, as demais tarefas inerentes aos membros da diretoria são realizadas em horário diferente do das aulas, o que acarreta serias dificuldades porque os alunos, em sua maioria, só à custa de sacrifícios, podem chegar à escola antos do horário regulamentar.

Conclusões

Chegando ao final deste ligeiro trabalho, não nos podemos furtar ao desejo de apresentar as conclusões a que chegamos, depois de 3(três) anos como orientadora de uma cooperativa escolar. Tais conclusões, vão abaixo resumidas. Falaremos com a maior franqueza e com a melhor das intenções.

1 - As cooperativas escolares, deveriam, atendendo aos seus objetivos, ser organizadas em moldes diferentes dos atuais. No momento, elas obedecem às exigências das demais cooperativas.

Sem tal providência, o cooperativismo existirá apenas, teoricamente, nos livros, porque, na verdade, a atuação dos alunos, nas cooperativas, se resume em copiar atas, relacionar, arrumar, vender o material escolar e receber o dinheiro da venda.

Isso é fazer cooperativismo?

As cooperativas escolares, ao lado do objetivo econômico, devem ensinar o cooperativismo, devem educar. E só se aprende cooperativismo, fazendo-o, realizando-o, sentindo-o, vivendo-o.

E as cooperativas escolares estão proporcionando aos alunos oportunidade para tal? Ouso afirmar que não, com base nas atividades que os alunos desempenham na nossa cooperativa.

3 - São excessivas as exigências feitas às cooperativas escolares, no sentido de uma "escrituração contábil", com termos técnicos e completamente fora da compreensão dos alunos e, quiçá, da professora orientadora.

A escrituração não pode, de forma alguma, espelhar-se na que se exige para as cooperativas em geral.

Os alunos têm boa vontade, mas faltam-lhes recursos para a realização de tarefas superiores à sua compreensão e possibilidades. Por esta razão, a feitura dos "Balancetes", Balanço Geral" e "Demonstração dos lucros e prejuízos" é trabalho de que se encarrega a professora orientadora.

Isso decorre, como já frisamos das exageradas exigências dos dispositivos que regem as cooperativas escolares. Aqueles deveriam ser mais simples e suaves, sem tantos

pormenores que se justificam, quando se trata de cooperativas com objetivos diferentes dos das escolas.

4 - Os alunos de Curso Primário Supletivo não dispõem de tempo livre para se dedicarem ac trabalho, que costumamos chamar de "burocráticos", que a cooperativa exige.

Esses alunos, que depois de um dia de intenso trabalho, ainda encontram ânimo para estudar, não podem ser roubados às suas tarefas escolares. Na nossa opinião, os alunos, nas horas de aula, devem atender, exclusivamente, às suas obrigações escolares.

Nos Cursos Primários Supletivos, não há recreio; não há portanto, uma hora livre, para os alunos, e estes, só à custa de muito boa vontade e até mesmo de sacrifícios, podem dispensar um pouco de atenção à cooperativa.

Por isso mesmo, achamos que, as cooperativas escolares dos C.P.S. devem ser organizadas de modo a dar oportunidade a todos os alunos de participarem da vida da cooperativa, através de tarefas simples e possíveis de serem realizadas.

Assim, só assim, através da prática real, será possível formar uma consciência cooperativista o levar os alunos à compreensão do valor e da necessidade, para a vida, do auxilio mútuo e da solidariedade.

Sugestões

Há no Distrito Federal, 92 Cursos Supletivos e, apenas dois "Vicente Licinio Cardoso" e "Republica da Colombia" possuem cooperativa escolar.

Temos a grata satisfação de ter iniciado, no ensino primário, noturno, municipal, o movimento cooperativista.

A semente lançada no C.P.S. 12-1 "Vicente Licínio Cardoso", primeiro C.P.S. a organizar uma cooperativa escolar, encontrou terreno fértil, germinou e transformou-se em árvore robusta, cujos frutos estão sendo escolhidos pelos alunos de nossa escola.

As vantagens que resultam do maior desenvolvimento do cooperativismo, do verdadeiro cooperativismo escolar, é necessário frisar essa condição, estão mais que suficientemente evidenciadas. Contudo, temos a impressão de que, os objetivos que se têm em vista, só serão realmente atingidos, se houver uma completa transformação nas linhas mestras que presidem a vida das cooperativas escolares.

As sugestões que nos permitimos apresentar, visam a promover, na escola, a aprendizagem do cooperativismo pela prática do cooperativismo. Através de atividades disciplinares, do trabalho om grupo, da participação viva nas tarefas cooperativistas, o aluno terá possibilidades de se sentir responsável, de se disciplinar, de compreender a importância, o valor e a necessidade de ser honesto e de aprender a colaborar e trabalhar para a defesa do bem comum.

Se algumas de nossas sugestões foram aproveitadas, dar-nos-emos por plenamente satisfeitas e recompensadas. Ao formulá-las, tivemos sempre presente, a certeza de que, "a cooperativa deve ser um complemento da obra educativa da escola e não causa para obstar a eficácia dela ou diminuí-la".

Resumem-se, novas sugestões no seguinte:

Para dar maior incremento ao cooperativismo a Secretaria de Educação da Prefeitura do Distrito Federal, deve determinar, como o fez com a Caixa escolar, a organização de uma cooperativa, em cada Curso Primário Supletivo.

A cooperativa escolar, em atenção aos seus objetivos, deve ser regida por disposição menos rígidas, livres de exigências que só dificultam a participação dos alunos nos trabalhos cooperativistas, gerando o desinteresse e o desentusiasmo.

A escrituração, deve ser a mais simples possível, escoimada de termos técnicos que não são compreendidos pelos alunos. Toda aquela complicadíssima escrita contábil precisa ser simplificada, ao máximo, de modo que o aluno possa entendê-la e, de fato realizá-la.

É necessário que as tarefas sejam reduzidas à compreensão dos alunos, para que não continuem a constituir, como constituem, um obstáculo ao êxito do cooperativismo. Só assim, os alunos poderão dirigir uma cooperativa escolar e sentir e praticar a cooperação.

É preciso, ainda, que o nome pomposo de "Conselho Fiscal" passe a ter o real significado que lhe é atribuído. Com a atual e complexa escrituração das cooperativas escolares, "Conselho Fiscal" é algo de irreal, porque, os seus componentes, com raríssimas exceções, não podem, conscientemente, procedo ao exame das contas da sociedade, porque não as entendem. Se, no entanto, as sugestões que fazemos, forem aceitas, os membros do "Conselho Fiscal", à vista de uma escrituração simples, à altura de sua compreensão, poderão, realmente, examinar as contas da cooperativa o dar o seu parecer.

Para que todos os associados tenham oportunidade de cooperar, de se educar dentro dos princípios da vida, em cooperação, alvitramos que:

a) em cada classe haja uma espécie de sub-cooperativa, cujo objetivo será, exclusivamente, propiciar aos associados atividades reais na cooperação escolar;

b) essa sub-cooperativa não terá diretoria, nem escrituração especial. Ela funcionara à guisa de representação da cooperativa da escola, da qual, é, em tudo, dependente;

c) entre os membros da Diretoria da cooperativa escolar, será feito um rodizio mensal, para efeito da guarda e do controle dos artigos escolares. Estes, serão emprestados, contra recibo, pela cooperativa da escola - à sub-cooperativa. Mensalmente, o aluno responsável pelo mate rial recebido, prestará contas do mesmo.

d) os artigos escolares serão guardados no armário da professora e, **cada aluno**, atentem bem, **cada aluno** e não apenas **os alunos que são membros da cooperativa escolar**, quando precisar do determinado material escolar, irá ao armário, apanhá-lo-á e colocará numa caixinha a importância referente ao preço do mesmo. (o grifo é nosso)

Assim, a cooperativa escolar, através da sub-cooperativa estará sendo vitalizada, estará dando ao aluno, oportunidade para se sentir importante, responsável, compreensivo, disciplinado, honesto, útil, necessário; estará, em resumo, educando para a vida.

Achamos, ainda, pelas razões já expostas, que grande parte das atribuições destinadas aos membros da diretoria da cooperativa, pelo menos teoricamente, devem ser de competência da professora orientadora.

Não queremos, porém, com tal afirmativa, preconizar a existência de cooperativas escolares dirigidas por professores. Pretendemos, somente, prevenir situações que fogem à realidade e evitar que aos alunos, sejam atribuídos encargos superiores à sua capacidade e competência.

Não preconizamos nada do novo. Ao fazer estas sugestões que nos inspirou a experiência nas lidas cooperativistas, moveu-nos, somente, o mais vivo e sincero desejo do poder cooperar, apresentando medidas lógicas e exequíveis, que, estamos certas, levarão os

alunos a compreender, a sentir e a viver o verdadeiro espírito do cooperativismo. Tais sugestões, sem nenhuma pretensão de vaidade, muito contribuirão para a consecução dos verdadeiros objetivos do cooperativismo escolar, porque oferecem oportunidade para que os alunos vivam, na cooperativa, situações da vida real.

Cremos na poderosa forca educativa do cooperativismo!

Cremos, que, cada cooperativa escolar funcionando como uma verdadeira escola ao lado da escola, corrigirá o marginalismo em que vive grande número de alunos dos Cursos Supletivos!

Cremos no cooperativismo, como poderoso instrumento do acordo entre a vida e escola!

Niterói, 30 de junho de 1958

Bibliografia

Filho, Fábio Luz - Cooperativas Escolares - Publicação do Ministério da Agricultura.

Amaral, Joaquim Nunes do - Cooperativismo Escolar - Publicação do Ministério da Agricultura.

Legislação Cooperativista - Publicação da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Rio de Janeiro.

Sobre a organização do cooperativismo escolar - Publicação nº 127 da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado do São Paulo.

Instruções para organizações de Sociedades Cooperativas - Publicação do Ministério da Agricultura.